

Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis

Sabrina Fernandes Melo
sabrina.fmelo@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: No presente artigo propõe-se a discussão acerca dos diferentes parâmetros e normas para as construções em Florianópolis, fazendo uma abordagem desde o período colonial até o advento da República. Tal discussão visa um melhor entendimento e percepção acerca da modificação urbana da cidade e da disposição e forma construtivas das edificações e dos primeiros bairros que se formaram em Florianópolis.

Palavras-Chave: Transformações urbanas, construções, Florianópolis.

Abstract: In the present article it is considered quarrel concerning the different parameters and norms for the constructions in Florianópolis, making a boarding since the colonial period until the advent of the Republic. Such quarrel aims at one better agreement and perception concerning the urban modification of the city and the disposal and forms constructive of the constructions and the first quarters that if they had formed in Florianópolis.

Keywords: Urban transformations, constructions, Florianópolis.

Normatização of the urban constructions and development architectural in Florianópolis.

Nesse artigo proponho uma discussão acerca do desenvolvimento urbano da cidade de Florianópolis e de que forma tal desenvolvimento foi amparado. Existia alguma lei que padronizava as construções?; Tais padrões eram seguidos?; Se eram seguidos isso ocorria apenas no centro ou em toda cidade? Em que padrões arquitetônicos eram construídos os primeiros bairros? Ou esses não seguiam tais padrões... Enfim, são diversas questões que perpassam pela história do desenvolvimento urbano da cidade e que geram abertura para um intenso debate acerca do tema.

Antes de começamos a discutir sobre as questões apresentadas acima (compreendidas entre finais do século XIX e inícios do século XX), vejo a necessidade de abordamos, brevemente, as diversas mudanças arquitetônicas na cidade de Florianópolis, englobando desde os primórdios da ocupação européia da região, passando pela recuperação da paisagem urbana pelos viajantes, até a formação dos



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

primeiros bairros. Partindo de tal cronologia poderemos visualizar melhor os diferentes padrões arquitetônicos de cada período e as causas da necessidade de instauração de normas para as construções do século XIX e XX.

O início do povoamento europeu na ilha de Santa Catarina ocorreu durante o século XVI, data que coincide com diversas explorações e expedições em todo o litoral brasileiro. A fundação de Nossa Senhora do Desterro ocorreu no ano de 1662 por iniciativa do bandeirante paulista Dias Velho. A partir da fundação o povoamento litorâneo foi aumentando lentamente e o território começou a sofrer diversas modificações, tanto no meio ambiente como na incorporação dos primeiros marcos arquitetônicos.

Tanto a casa de Francisco Dias Velho como a fundação da Igreja Nossa Senhora do Desterro em 1673 marcaram o início da delimitação do que conhecemos hoje como o centro a cidade de Florianópolis. A Igreja já era mencionada em escritos de diversos viajantes que passaram pela ilha.

Assim, pousada na colina, descortinando o mar em sua frente, a capela de Dias Velho mirava as pobres choupanas que nasciam junto à colina, a caminho do mar. Foi esse o nascimento da Vila de Nossa Senhora do Desterro. O local da capela de Dias Velho pode ser considerado o berço de Florianópolis¹.

A partir de 1700 a população de Desterro começou a aumentar de forma efetiva, principalmente com a elevação à Vila (1726) e com a criação da Freguesia² em 1730. Na mesma data ocorreram construções que simbolizavam a soberania político-administrativo portuguesa: o pelourinho e a Câmara Municipal, as primeiras edificações oficiais, como o Palácio do Governo (1765), além das primeiras casas de alvenaria. Essas construções encontravam-se em ruas estreitas, que em sua maioria partiam do Largo da Matriz e iam de encontro às fontes de água³.

Durante tal período pode-se perceber a presença de normas para as construções, que nessa época baseavam-se na Provisão Real de João V, sendo a primeira norma

¹ SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina - séculos XVIII e XIX*. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis. 1980. p.142.

² Assim como hoje os municípios são procedidos pela fase chamado distrito, antigamente o eram pela freguesia, “um misto de organização religiosa e política”. Geralmente as freguesias tomavam o nome da igreja local. Assim, o povoado da Ilha denominado Santa Catarina passou a se chamar Freguesia Nossa Senhora do Desterro, depois simplesmente Desterro. (PAULI, 1978, p. 123)

³ VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis - Memória Urbana*. 2 ed. rev. e ampli. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

pública de regulamentação urbanística e distribuição populacional. Já havia o intuito por parte da Coroa, de organizar a população e as construções dentro de um determinado núcleo, tal normatização está inserida no contexto de chegada dos açorianos na ilha, sendo que sua fixação obedeceu a uma certa seqüência que se iniciou em torno do Largo da Matriz.

As principais mudanças arquitetônicas que de fato ocorreram em Desterro devem-se principalmente ao aumento da população da ilha, devido a chegada dos açorianos e também à independência do Brasil, que começou a contar com a presença de uma pequena burguesia em desenvolvimento. A cidade que até então era sede político-militar passou a exercer funções civis integrando-se num contexto econômico que proporcionou a expansão de seu espaço edificado.

O incentivo da expansão urbana de Desterro contou com a contribuição de outros fatores tais como o aumento das funções comerciais devido ao incremento da atividade portuária e a instalação de algumas indústrias. Devemos estar cientes que todas as mudanças de cunho urbanístico desse período obedeciam ao traçado cartográfico básico e um rompimento mais significativo com tal traçado ocorreu somente a partir de 1930, com o início da modernização arquitetônica da cidade.

Já possuímos um esboço de como era a paisagem urbana no início da vila de Desterro, e para enriquecer ainda mais tal visão, podemos analisar alguns relatos de viajantes que passaram pela ilha, nesses relatos vamos nos direcionar principalmente ao aspecto urbanístico relatado pelos viajantes e dessa forma verificaremos as mudanças ocorridas durante a época.

Citaremos alguns dos inúmeros viajantes⁴ que passaram pela ilha, um deles foi Frézier, que em 1712 descreveu brevemente a cidade e enumerou seus habitantes totalizando 147, e relatou que já haviam excelentes casas. Partindo para o viajante Gonçalves Aguiar, que visitou a ilha em 1711, essa era “formada apenas de alguns ranchos à beira da praia, ranchos de pau-a-pique e cobertos de palha, abrigando uns poucos pescadores e canoieiros de mistura com suas canoas e redes”⁵, podemos perceber pelos relatos que no decorrer de apenas um ano, os padrões arquitetônicos da ilha mudaram significativamente.

⁴ BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina, Relatos dos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 1979.

⁵ CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1972. p.05.



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

Nos relatos dos viajantes, verificamos que as mudanças do centro urbano passam a ocorrer de fato com a chegada dos imigrantes açorianos. Durante tal período ocorre também à fortificação da ilha, a fundação das primeiras irmandades e de suas igrejas. Tais construções influenciaram a expansão do centro urbano inicial e a partir de então esboçaram-se os primeiros bairros da ilha em 1748. Ao redor da capela do Menino Deus, surgiu um dos primeiros bairros, denominado Toca “foi um dos pontos, depois da matriz, por onde a cidade começou a edificar-se porquanto foi em volta dela e como uma radiação do seu todo, que surgiram as primitivas casinhas do Menino Deus, do Areião para cima e as da Toca à prainha”.⁶

Em 1763 temos um relato interessante do viajante Don Pernetty, que relatava haverem 150 casas em Desterro, afirmava também que os agrupamentos de brancos e negros eram distintos, porém não nos proporciona maiores detalhes de como eram divididos tais agrupamentos. Outro viajante, Pérouse, em 1785 enumerou 400 casas à beira-mar e 3.000 almas e nesse mesmo período se tem notícia da primeira iconografia da cidade. A imagem foi tomada do morro de Boa Vista, onde se localiza atualmente o hospital de Caridade. A partir de tal imagem⁷ percebemos que não existia ainda arruamento bem definido, porém nota-se a aglomeração das construções entre a Igreja da Matriz e seus arredores.



Vista da Ilha de Santa Catarina, 1785- La Pérouse. Fonte: Berguer, Paulo.

⁶ VARZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A ilha*. Rio de Janeiro: Cia Typográfica do Brasil. 1900. Edição Comemorativa do 4º centenário do Brasil. p.70

⁷ BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina, Relatos dos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX* Florianópolis, Assembléia Legislativa, 1979. p.87.

Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

No início do século XIX há diversos relatos de viajantes russos e datando 1803 uma imagem feita pelos capitães russos Krusenstern e Lisiansky, onde percebemos uma melhor definição dos arruamentos, possuindo nessa data o equivalente a 500 casas, havendo uma presença intensa de comerciantes, artesãos e mascates. Percebemos através dos relatos que entre 1785 e 1808 que a área urbana foi pouco alterada.

Nada houve que pudesse caracterizar um período mesmo débil de “modernização” ou de substancial mudança até 1823, aproximadamente. Os pintores retratam o fato de que as habitações eram as mesmas, o que equivale dizer que o índice de construção neste período era quase nulo.⁸

Como podemos analisar pelos relatos dos viajantes, o desenvolvimento urbano ocorreu de forma lenta e gradual, dessa forma a paisagem bucólica e o cenário dos povoados mais afastados foram diminuindo progressivamente.

A maioria dos relatos que analisamos, concorda que os bairros em formação do início do século XIX, possuíam “belas vistas”, que se podiam observar subindo em partes mais elevadas, foram citados o morro da Rita Maria, o morro do Antão e o do Menino Deus.

A visão que se tinha quando se subia nesses morros, era de uma paisagem bucólica, que gradativamente foi sendo transformada e restringida a áreas mais afastadas do perímetro urbano. Com o estabelecimento do regime republicano a antiga província tornou-se Estado Federativo de Santa Catarina. O estado em geral mudou de fisionomia, verificando-se um acelerado processo de mudanças entre 1890-1900, tal período se transformou de forma mais rápida que os 67 anos da Província como Império⁹.

De acordo com os estudos de Virgílio Várzea¹⁰ o centro da cidade era composto de regiões denominadas: Figueira, Pedreira, Tronqueira, Toca e Rita Maria. Durante o século XIX, de acordo com Várzea, Tronqueira, Figueira e Toca, eram vistos como “os bairros tenebrosos de Desterro”. Tal visão ocorria devido a esses bairros serem habitados em sua maioria por pessoas pobres, dessa forma, acreditava-se que as epidemias que atingiam a cidade sempre começavam por eles, além dos mesmos abrigarem vários doentes de outras regiões.

⁸ PEREIRA, Nereu do Vale. *A modernização em Florianópolis*. Florianópolis, UFSC, 1974. p.44.

⁹ VEIGA, E. V. Op. cit. p.138.

¹⁰ VARZEA, v. Op. cit..



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

A Tronqueira era a zona habitada pelas lavadeiras e pelos negros libertos. Havia muitos cortiços onde viviam uma grande quantidade de pessoas. A região da Toca era habitada por pescadores e pessoas que viviam embarcando para alto-mar, eles viviam em pequenas casas, que apesar do reduzido espaço, também abrigava um grande número de indivíduos. Era considerado como o “bairro mais doentio”, pois nele se localizava o cemitério do Hospital de Misericórdia, concentrando assim, os maiores focos de epidemia. Já a Figueira era um bairro de “mulheres perdidas”, de marinheiros que estavam de passagem e de pessoas muito pobres e humildes.

Eram os três bairros sujos, em que não se conhecia limpeza nem sossego, bairros palpitantes de vida, movimentados, agitados, com suas paixões e seus sofrimentos, com seus ciúmes e seus crimes, com as suas venditas, com as suas intrigas e ajustes de contas.¹¹

O desenvolvimento de Florianópolis ocorreu de costas para o mar, onde o cais e os primeiros aterros reforçavam a locação de quintais para a marinha. As casas eram de costas para o mar, sendo que atrás delas sempre havia quintais. Isso ocorria principalmente nos bairros mais pobres, que ficavam com a “função” de receber os viajantes e marinheiros, já o centro urbano ocupava-se principalmente do comércio. Trataremos agora dos padrões e da normatização utilizada nas construções, abarcando desde o período colonial até a independência do Brasil.

No Brasil colonial os padrões de racionalidade e as medidas controladoras tanto da organização urbana quanto de suas transformações, eram baseados nos padrões arquitetônicos e urbanísticos europeus. A parte teórica e os padrões mais recentes da arquitetura daquele período, em sua grande maioria, eram expressas pelas Ordenações Filipinas¹², onde algumas disposições dessas ordenações foram vigentes até 1939.

Porém, ao longo do período de colonização, as construções erguidas pelos portugueses foram sendo feitas de forma aleatória, não condizendo com o desenho urbano que havia sido imposto pelas ordenações. Tais ordenações sofreram diversas modificações, onde se encontram presentes às raízes da constituição brasileira.

Verifica-se que no início da urbanização de Florianópolis a preocupação com uma ordenação nas construções era muito pequena, isso se devia as possibilidades de construção do local e instalação oferecidas, o improvisado era muito comum. Devido à

¹¹ VARZEA, V. Op. cit. p.33- 34.

¹² As *Ordenações Filipinas*, promulgadas em 1603, são o mais bem-feito e duradouro código legal português.



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

demasiada abertura das ordenações Filipinas, as autoridades políticas perceberam a necessidade de criação de posturas municipais, que reordenassem o crescimento da cidade. Possuindo também a intenção de garantir para as povoações e cidades brasileiras uma aparência lusitana.

Com a criação da normatização, as construções passaram a ser erguidas de maneira uniforme, possuindo um aspecto padronizado que seguia as mesmas dimensões, número de aberturas, altura dos pavimentos, alinhamentos etc. Tais responsabilidades eram assumidas por cada município, que detalhava as especificidades da cidade¹³.

As posturas municipais juntamente com as regras arquitetônicas e códigos de higiene, instituíram uma nova ordem nos padrões arquitetônicos, mudando assim a paisagem do meio urbano. Para melhor entendermos a evolução arquitetônica e a urbanização de Florianópolis é importante discutirmos sobre os regulamentos de higiene que entraram em vigor a partir de 1895. Até o período as questões normativas voltadas para a higiene se resumiam apenas em campanhas de vacinação e desinfecção, regras de funerais e prevenção e profilaxia de doenças de cunho epidêmico. Já no final do século XIX essas posturas se ampliam englobando a inserção de serviço de saúde, sendo atribuído ao município a inspeção da situação de higiene das escolas, hospitais, hospícios, prisões, enfim, todos os tipos de habitações coletivas e também particulares. Tal inspeção tinha o intuito de combater o grande número de epidemias, que eram causadas pela falta de higiene.

Além da fiscalização, tal serviço era responsável por obras de melhoramento em diversos locais, tais como: drenagem nos terrenos com problemas de umidade, limpeza de rios, abastecimento de água potável, iluminação, esgoto, limpeza das vias públicas, instalação de banheiros públicos¹⁴ etc.

Para a construção de edifícios especificamente, havia uma série de normas implantadas, tais como: a instalação de depósitos para o lixo doméstico, obrigatoriedade de iluminação e arejamento etc. Essas regras eram fiscalizadas pelo município e pelo Estado, que se utilizava de inspeções sanitárias. Porém existia ainda a necessidade de uma lei para a regulamentação das construções. Durante o mandato do prefeito Fulvio Pereira, foi elaborado um projeto que estabelecia exigências referentes ao

¹³ Cidade entendida aqui como a capital no seu todo urbano, conforme se referiam as leis, decretos e atos do executivo municipal no século XIX.

¹⁴ APE-Regulamento para o Serviço Sanitário Terrestre para o Estado de Santa Catarina. 06/12/1895.



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

dimensionamento dos compartimentos, iluminação, revestimento de piso e paredes, instalações sanitárias, etc.

A partir destas normas percebe-se uma mudança no aspecto urbano de Florianópolis, que durante o período de instauração vive uma intensa fase de construções e de remodelamento dos edifícios. Abaixo, segue uma tabela¹⁵, de cunho explicativo, para que possamos verificar melhores os números de construções e de remodelamento das mesmas em diferentes períodos.

Ano	Construções	Reconstruções	Acréscimos	Total
1922	12	5	7	24
1923	26	7	10	43
1924	36	10	26	72
=	74	22	43	139

A arquitetura brasileira durante o período colonial seguia um certo padrão. As casas geralmente eram térreas, sempre muito próximas umas das outras. No espaço urbano, os prédios públicos e as construções eclesiásticas possuíam lugares privilegiados. Com o advento da república em 1889, as resistências locais além da política centralizadora do novo governo, aumentou a distância entre a metrópole carioca e Desterro, sendo que a mesma já não recebia subsídios do governo central.

Durante o período de independência vários estados brasileiros impulsionaram seu desenvolvimento industrial, porém isso não ocorreu no estado de Santa Catarina. Durante a I Guerra Mundial, Desterro, se beneficiou do fato, e não parou com seu processo de modernização. Durante tal período ocorreram: a construção do novo Mercado Público a reforma do Palácio do Governo, a instalação do serviço de abastecimento de água e esgoto sanitário, construção da usina hidrelétrica em substituição a iluminação a gás, construção das linhas de bonde que eram movidas à tração animal.

A construção civil durante esse período adquiriu um ritmo acelerado, tanto no âmbito das habitações populares como prédios de instituições que queriam construir ou ampliar suas sedes. Foram construídos o Liceu de Artes e Ofícios, O Ginásio Catarinense, o Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim e o São Vicente de Paula, foram ampliados o Colégio Coração de Jesus, e a Escola Normal do Estado. Esse período de

¹⁵ Tabela organizada através de dados retirados do Relatório do Conselho Municipal de Florianópolis, 1925, p.05.



Sabrina F. Melo: Normatização das construções urbanas e desenvolvimento arquitetônico em Florianópolis.

intensa produção da construção civil foi encerrado com a construção da Ponte Hercílio Luz (1924-1926).

Percebemos que nos primeiros trinta anos do início do século XX foram marcados por diversos períodos de modernização que encampavam tanto serviços públicos como normatização das construções. Mesmo com a urbanização acelerada da cidade datada principalmente a partir dos anos de 1950 Florianópolis, tornou-se possível a permanência de diversos edifícios tanto do período colonial como de vanguardas ditas modernas do início do século XX. Edificações que convivem em meio a acelerada verticalização da cidade.

Fontes:

APE-Regulamento para o Serviço Sanitário Terrestre para o Estado de Santa Catarina. 06/12/1895.

Regulamento para o Serviço Sanitário Terrestre do Estado de Santa Catarina (1895).

Códigos de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Desterro: 1889,1896,1898.

Relatório do Conselho Municipal de Florianópolis: 1925.

Referências:

BERGUER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina, relatos dos Viajantes Estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis, Assembléia Legislativa, 1979.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1972.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720: edição ilustrada*. São Paulo (SP): Pioneira, 1968. 235 p.

PAULI, Evaldo. *A fundação de Florianópolis*. Florianópolis, Edeme, 1978.

PEREIRA, Nereu do Vale. *A modernização em Florianópolis*. Florianópolis, UFSC, 1974.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *A Presença portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina- séculos XVIII e XIX*. Florianópolis. UFSC, 1980 (Dissertação de mestrado) p.142

VARZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A ilha*. Rio de Janeiro: Cia Typográfica do Brasil. 1900. Edição Comemorativa do 4º centenário do Brasil.

VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis - Memória Urbana*. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

